

RELIGIÕES INDÍGENAS DESAFIAM REFLEXÕES BÍBLICO-TEOLÓGICAS SOBRE DEUS, CRIAÇÃO E TERRA

Hans Alfred Trein¹

Resumo

Esta comunicação compartilhará impulsos de como as cosmovisões indígenas podem marcar a (re)leitura bíblica e a reflexão teológica da tradição judaico-cristã no enfoque exemplar de Deus e Criação/Terra. Coloca-se na perspectiva de descolonizar a teologia eurocêntrica e contribuir na construção de uma teologia intercultural e pública com impulsos indígenas latino-americanos. Acentua a grandeza e indisponibilidade de Deus e desvela o caráter colonizador do Deus-Senhor. Na reflexão crítica sobre a imagem de Deus infere a relação entre formação sócio-política e teologia predominante, como uma explicação possível para as diferenças de concepção. Ressalta a integridade entre humanos, terra e os restantes seres vivos, propondo assim um novo relacionamento planetário sustentável. Nas cosmovisões indígenas predomina o tempo cíclico e a concepção de que a ligação entre humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade. Por isso não se fala em multiculturalismo, mas em multinaturalismo a partir de uma mesma essência humana. Essa concepção no fundo propõe uma revisão epistemológica.

Palavras-Chave: Deus. Criação. Terra. Humanidade.

Abstracts

This communication will share impulses how indigenous worldviews can mark a biblical (re)reading and theological reflection of the Judeo-Christian tradition, focussing on the example of God and Creation/Earth. Arises in the context of decolonizing eurocentric theology and contributes to building an intercultural and public theology with impulses of Latin American indigenous peoples. Emphasizes the greatness and the unavailability of God and unveils the colonizing character of God as Lord. In critical reflection on the image of God implies a relationship between social-political formation and predominant theology, as a possible explanation for the differences in design. Highlights the integrity of humans, earth and other living beings, thus proposing a new global sustainable relationship. In indigenous worldviews prevails the idea of cyclical time and the view that the connection between humans and animals is not animality, but humanity. So they do not talk about multiculturalism, but multinaturalism departing from a same human essence. This concept proposes a deep epistemological review.

Keywords: God. Creation, Earth. Humanity.

Introdução

O Conselho Mundial de Igrejas promoveu uma série de consultas sobre a “Auto-compreensão Cristã no contexto do Pluralismo Religioso”. Uma delas, no contexto das religiões indígenas, realizou-se em Buenos Aires entre os dias 6-10 de

¹ Hans Alfred Trein – Mestre em Teologia – Coordenador do Programa de Mobilização no COMIN - Conselho de Missão entre Indígenas da IECLB. comin_mob@est.edu.br

fevereiro de 2012. Reuniu representantes indígenas do povo Cree do Canadá, Maya K'iche de Guatemala, Aymará de Bolívia, Kichwa de Ecuador, Lumads/Igorots das Filipinas, Maori de Nova Zelândia, das confissões cristãs anglicana e metodista, que estão listados sob referências, para que suas falas e idéias possam ser-lhes creditadas com base em minhas anotações, traduzidas do inglês e do espanhol (línguas oficiais da consulta). Representantes do continente africano não conseguiram visto de entrada em tempo. Representantes da Índia e da Groenlândia foram impedidos por enfermidade.

Os participantes receberam como tarefa de casa preparar uma breve intervenção sobre os seguintes conceitos: Deus, Criação/Terra, Cristologia, Escritura, Justiça, Igreja, Missão, Culto e Espiritualidade. Esta comunicação se concentrará nos dois primeiros, Deus e Criação/Terra. Seguirá o método de apresentar o ponto de partida, apresentar os enunciados indígenas e refletí-los bíblico-teologicamente.

O Conceito de Deus

Conceituar é uma inclinação cultural ocidental. Para conceito a língua alemã utiliza o termo “Begriff” que tem a raiz “greifen” – *pegar, segurar, agarrar*, e não por último, *dominar*. A rigor, Deus não pode ser definido conceitualmente. Deus é inconcebível. Definir pode ser compreendido no seu duplo sentido de “dar fim” e de “dar uma finalidade”. Ambas são questionáveis, se se quer preservar a indisponibilidade e o mistério de Deus.

Um elemento central da fé cristã é a teologia da encarnação. O verbo tornou-se carne e habitou entre nós. Um efeito colateral dessa fé é a suposição de que Deus tornou-se disponível, definível, conceituável. O iluminismo provavelmente contribuiu substancialmente para acabar com o resto do mistério ao redor de Deus. Não admira que, no apogeu do modernismo europeu, Deus tenha sido declarado morto. Entretanto, começa agora um tempo, em que redescobrimos que nem tudo têm explicação lógica e racional e que o mistério nunca deixou de existir. O outro lado dessa mesma teologia conduz ao equívoco: se Deus privilegiou tanto a espécie humana através da encarnação, confirma-se o status especial que essa espécie tem dentro da criação. Essa idéia ao reverso marcou a tradição cristã com um antropocentrismo e o restante de ciência com um especismo que está

comprometendo a sobrevivência de toda a criação. Além disso, a acentuação demasiada do Deus que perdoa faz com que Deus não seja mais temido.

Indígenas sentem Deus como maior do que se pode imaginar. Atribuem-lhe potencial criador permanente e onipresença. Deus não se revela apenas na história, mas também na criação. Em alguns casos essa observação tem recebido a definição de panenteísmo - Deus em tudo. Entre os Tupi-Guarani tem sido utilizadas as palavras Tupã = Magnífico, quem és? e a denominação Ñanderu = Nosso (grande) Pai.

Entre os povos indígenas das Filipinas, Deus é conhecido por vários nomes, *Kabunian, Bathala, Magbabaya, Apo Sandawa, Omayo-ayong*. É criador de tudo o que existe. Nunca foi visto por alguém, pois é muito poderoso. Vive nas alturas. Causou o dilúvio para eliminar a parte má da criação, salvando algumas tribos para que voltassem a povoar “Lubong”, a terra².

Para muitos outros povos indígenas, entre eles os Mayas, na origem do mundo está “A Palavra”. Diz o texto sagrado maya, Popol Wuj, que tudo estava em suspenso, nada se movia nem existia, e então veio “A Palavra”. Isso lembra o início do evangelho de João, quando diz: No princípio era o verbo... Sua concepção remete também à palavra de 1 Coríntios 13,12: “Agora vemos como num espelho, então veremos face à face”.

A palavra é que fez surgir a terra. Deus é muito grande, não podemos abarcá-lo por completo. Cada povo apenas conhece uma parte dEle. E é necessário que essa parte se mantenha como diferente das demais, para que, ao juntar todas as partes espalhadas pelos povos, se chegue à verdade completa de Deus. Conhecemos Deus através do nosso idioma materno e assim o transmitimos adiante. Na concepção maya de Deus se associam as duas partes da realidade: homem-mulher, noite-dia, vida-morte, luz-escurecimento... donde surge a complementariedade. Tudo está entrelaçado³.

Entre os Kichwa, descendentes dos Incas do Ecuador, o conceito de Deus sofreu dramáticas alterações com a vinda dos conquistadores espanhóis. Entretanto, tradições indígenas resistentes aliadas com a propagação da missão evangélica com a Bíblia, formularam uma percepção própria:

² CONSULTA do Conselho Mundial de Igrejas. **A Autocompreensão Cristã no Contexto das Religiões Indígenas**. Buenos Aires, ISEDET, 2006. Depoimento de Alexander Wandag, de Filipinas.

³ CONSULTA, depoimento de Miguel Salanic, de Guatemala.

Os povos indígenas da AL dividem seu tempo entre antes e depois da conquista. Antes, o Deus criador não era conhecido e um de seus representantes era o sol. Havia o Deus da terra, o Deus do subsolo. Os espanhóis chegaram com a bíblia e a espada e introduziram o deus-patrão, um pacote religioso escravizador. Em 1895 houve uma revolução em Ecuador. Os povos indígenas abriram seus olhos e conhecerem o Deus vivo dos evangélicos, um Deus em favor dos indígenas. Então os indígenas entenderam a bíblia. Assim também a bíblia explica a relação entre natureza e cosmovisão. Por isso, até os indígenas, quando oram não se dirigem ao seu interior, ou ao mais alto, mas buscam contato com o Criador em sua criação⁴.

Os Kichwa preferem o conhecimento de Deus a conceituações ou definições.

O conhecimento de Deus deve considerar Deus, as pessoas e a criação. Se um deles falta o conhecimento é incompleto. Nossos anciãos apreciariam muito o que foi dito aqui (na consulta). Muitos decidiram, há muito tempo, que viveriam em dois mundos, tratando de proteger o mundo indígena do outro mundo. Todas as línguas indígenas têm uma palavra para Deus e expressam o mistério de Deus, por exemplo Dijin. Quando são desafiados a explicar, dizem Hola (=não sei); os missionários entenderam que esse era o nome de Deus⁵.

Além disso, Deus têm muitos nomes, o que não é incomum para uma grandeza inabarcável em sua totalidade.

A verdade é muito difícil de ver. Se não se falar dela de quatro formas, não saberás do que estás falando. Os quatro evangelhos indicam que Jesus é muito grande para ser abordado apenas por um evangelho. Quando os nossos anciãos falam de um tema, a gente pode observá-los, mentalmente cercando o tema dos quatro pontos cardeais. Eles sentem que os missionários lhes falavam apenas de uma direção. Na bíblia se fala em três nomes de Deus: Jeová, Elohim, Shaddai. Por que o cristianismo não aceita que nós indígenas temos vários nomes para Deus?! As comunidades indígenas falam do mesmo Deus com os seus próprios nomes. O mistério e o sagrado de Deus, que não permite que o nominemos, também está na cultura maori⁶.

Essas breves intervenções exemplares já permitem refletir sobre a relação entre a formação social e o conceito preponderante de Deus, como também permitem uma avaliação, em que medida o modernismo ocidental contribuiu para destituir Deus de todo o mistério, dando a impressão de que se trata de uma grandeza disponível.

⁴ CONSULTA, depoimento de Segundo Otavalo Castañeda, de Ecuador.

⁵ CONSULTA, depoimento Castañeda.

⁶ CONSULTA, depoimento Castañeda.

Quando os portugueses aportaram no Brasil, Pero Vaz de Caminha escreve ao Rei de Portugal que os indígenas são “sem lei, sem rei e sem Deus”. Com o passar do tempo, os colonizadores observaram a existência de divindades entre os povos indígenas para os diversos campos naturais e de reprodução da vida. A inexistência de uma formação social de Estado foi interpretada como carência civilizatória, da mesma forma como a inexistência de um Deus e de um discurso teológico foi interpretada como carência de religião.

O antropólogo, Pierre Clastres, no entanto, afirma que a ausência de Estado não era uma carência, mas uma opção política explícita por uma formação social, comunitária excludente do poder coercitivo. As aldeias com um número limitado de habitantes favoreciam a formação social comunitária, sem a necessidade de um Estado. Excedentes de produção eram consumidos (“queimados”) fartamente nas festas e rituais, de modo que não ficavam disponíveis para alguma apropriação indevida. Depois de séculos de conquista e colonização não apenas física, mas também mental e espiritual, os povos indígenas demonstraram uma impressionante resistência e resiliência cultural. Mesmo assim, elementos da formação social de Estado e também do monoteísmo podem ser encontrados entre povos indígenas brasileiros.

O monoteísmo parece ter-se desenvolvido de mãos dadas com as primeiras formações sociais de Estado. O prevaletimento do Estado sobre a sociedade recebeu sua legitimação religiosa com o monoteísmo. A hierarquia era clara; Deus, o monarca (muitas vezes cognominado de seu filho), a cidade-estado e o campo com suas respectivas populações. Na esteira desse desenvolvimento, não causa estranheza que se passou a atribuir a Deus a denominação de Senhor. Em inglês, *Lord*, em francês, *Seigneur*, em russo, *Godspod*, em alemão, *Herr*. Também o texto bíblico e as respectivas traduções não ficaram imunes a essa evolução. Na cidade-estado de Jerusalém, na passagem para a sociedade monárquica, Deus é tirado da tenda que acompanhou o povo em sua caminhada e fixado no templo central. Na passagem da bíblia para o mundo grego e depois romano, acrescenta-se o distanciamento de Deus para um plano inalcançável: é Deus no céu e o imperador na terra.

Entretanto, pelo testemunho de Êxodo 3, Deus mesmo se apresenta com o nome Yahwe, que significa “Eu sou, o que serei” ou, “Eu sou o que estou aí e estarei aí”. Apavorado com a missão que recebera de Deus de dentro da sarça ardente, Moisés pelo menos quer saber em nome de quem ele deve liderar o povo escravo para enfrentar o Faraó e para uma vida em liberdade na terra prometida. Nome é essência. Assim Deus ordena que quer ser lembrado de geração em geração. Deus não se apresenta como onipotente, mas como acompanhante solidário; não garante ausência de dificuldades ou sofrimento, mas garante presença. No Novo Testamento, Jesus recebe o cognome de Emanuel “Deus conosco” (Isaías 7.14; Mateus 1.23) e, em sua grande comissão, promete: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mateus 28.20).

A tradição judaico-cristã teve dois momentos históricos, em que o Deus bíblico foi transfigurado:

Um deles se dá na história de Israel, quando da passagem das sociedades tribais para o reinado. Os textos de 1 Samuel atestam que JHWH estava sendo substituído pelo rei, o Deus-conosco estava sendo substituído por um senhor. Ali se consolidava a monarquia, o princípio da sociedade de Estado. A partir desse momento Israel se estruturava numa organização política semelhante aos outros povos vizinhos, com seus exércitos. Não era mais JHWH o Senhor dos Exércitos; essa função agora passava para o rei.

O segundo acontecimento histórico é do século IV, quando o cristianismo passa de religião perseguida para religião oficial do Estado. Sob o imperador Constantino se dá essa mudança. A lição que se pode aprender dela é que um aparente privilégio, o de não ser mais perseguido, o de ser reconhecido, até mesmo participar do poder, é a tentação para a arapuca fatal. Fatal, porque ela perverte o caráter revolucionário da fé hebréia, profética, cristã primitiva. Fatal, porque amordaça sua essência libertária. A partir desse momento, o exercício da religião se dá dentro dos parâmetros ordenados da sociedade de Estado. Deus é Senhor!

Santo Hilário já escrevia no século V:

...em vez disso lutamos hoje contra um perseguidor ainda mais perigoso, um inimigo que nos adula, a saber, o poderoso imperador romano. Ele não fere mais as nossas costas, mas nos enfeita o peito com comendas. Ele não confisca nossos bens, mas, ao contrário, ele nos presenteia. Ele não nos coage a nos tornarmos verdadeiramente livres aprisionando-nos, mas ele nos remete à escravidão, honrando-nos no seu palácio. Ele não nos ataca pela retaguarda, mas toma posse de nossos corações. Ele não corta a nossa cabeça com a espada, mas mata o nosso espírito com ouro. Ele não nos ameaça com a fogueira, mas acende em segredo o fogo do inferno. Ele não nos combate, para não correr o risco de um revés, mas ele adora o nosso Cristo, para poder dominar sem obstáculos. Ele confirma Cristo, para negá-lo na realidade. Ele anuncia unidade, mas impede comunhão⁷.

Portanto, um desafio implícito que os povos indígenas apresentam às culturas ocidentais cristãs de origem europeia é a revisão do conceito de Deus como Senhor. Deus não é aquele que manda, como os senhores que conhecemos, mas é aquele que acompanha o seu povo oprimido no caminho da superação de suas mazelas. Os indígenas nos desafiam a re-descobrir o Deus bíblico e a tirar de cima dele o entulho político e ideológico com que foi solapado. Nas sociedades tribais não há um senhor, um chefe. Os atributos do cacique numa comunidade indígena primam que seja uma pessoa com experiência de vida, generoso na distribuição de comida (geralmente detentor da maior roça e do clã mais numeroso), um bom intérprete da comunidade e que saiba falar bem. Jesus refere-se a esta tradição de vida comunitária tribal, quando diz a seus discípulos: no mundo a gente tem que se submeter a governadores e mandatários, mas entre vocês não será assim: quem quiser ser o primeiro, que seja o servo de todos (Marcos 10,42ss). É nesse sentido que também se pode entender a frase de Jesus: “Meu Reino não é deste mundo” (João 18,36).

Criação/Terra

A relação que a sociedade industrial ocidental construiu ao longo dos últimos anos com a terra é uma relação de exploração utilitarista. “A terra e tudo o que nela se contem” (Salmo 24,1) não pertence à Deus, mas serve para ser usada pelo ser humano, para ser comprada e vendida, para produzir e manter plantas e animais para alimentos, fornecer matéria prima e minérios nobres para a indústria. Enfim, toda a criação está objetizada e disponível para o ser humano, existe

⁷ ROHR, Richard. *Von der Freiheit loszulassen – Letting go*. (3ª ed) München, Claudius Verlag, 1992. p 144.

exclusivamente para servir-lhe. De certa forma, o primeiro relato bíblico da criação induz nessa direção, pois atribui ao ser humano o status de ser a coroa da criação e a tarefa de nominar, dominar e sujeitar toda a criação com verbos hebraicos recheados de violência.

Dá a impressão que, à medida que a sociedade se desenvolve e se urbaniza, ocorre um processo de alienação e distanciamento da terra, desde o fato de que tendencialmente não pisamos mais na terra, mas em calçadas e asfaltos, vivemos em edifícios, nos locomovemos em carros isolados com pneus de borracha, nos exercitamos em academias... até à idéia de que a terra não é um corpo vivo, mas apenas um substrato de produção e consumo, quando não até mesmo um “imóvel” para servir de reserva de capital. Sociedades agrárias são consideradas subdesenvolvidas em comparação com as desenvolvidas sociedades industrializadas. Quanto menos agricultores tiver, tanto mais desenvolvida é considerada uma sociedade.

É interessante observar que, mesmo assim, os urbanos conservam em seu imaginário íntimo figuras da terra e da natureza. Em determinados tempos, as tiram do baú e procuram revivê-las. Nas férias, procuram onde experimentar a proximidade com terra, água, sol, vento, verde ou cheiro da terra e de animais. Estão em alta nas paradas musicais as duplas sertanejas que fazem vibrar as emoções nostálgicas da roça e o interior. Nos exercícios de relaxamento, pessoas estressadas são desafiadas a buscar figuras de amplas planícies verdes, lagos tranquilos, riachos refrescantes, árvores fortes que se espera possam propiciar cura.

A Terra existe já há 4, 4 bilhões de anos. Estima-se que por ela já passaram ao redor de 60 bilhões de seres humanos.

Num momento avançado de sua evolução, de sua complexidade e de sua auto-organização, começou a sentir, a pensar e a amar. Foi quando emergiu o ser humano. Com razão nas linguas ocidentais homo/homem vem de húmus, terra fecunda. E em hebraico Adam se deriva de adamah, terra cultivável. Por isso, o ser humano é a própria Terra que anda, que sente, que pensa e que ama, como dizia o poeta indígena e cantador argentino Atahualpa Yupanqui.

Os mitos de criação dos Kaingang do sul do Brasil relatam que seus primeiros antepassados emergiram da terra. Conservam até hoje o costume de enterrar a placenta onde moram, devolvendo à terra o que lhe pertence. Os

Mapuche do Chile também se autodenominam “Gente da terra” (Mapu=Terra; Che= pessoa humana). “Os Maya viveram 3 mil anos antes de Cristo e já escreveram sua história de criação, antes do Gênesis ter sido escrito. O que os Mayas predisseram para 2012 é apenas o final de um ciclo de rotação de nosso sistema solar em nossa galáxia. A precisão de seus cálculos astronômicos em ciclos temporais é equiparável aos da NASA” (MS).

Nas Filipinas os povos indígenas concebem a terra como inseparável de Deus, *Kabunian*. É considerada o presente mais importante para a humanidade com todos os recursos que contém.

A terra é de origem divina e por isso sagrada. Sendo sagrada não pode estar sujeita a ser transformada em propriedade, a ser vendida ou alugada, destruída ou alterada. As pessoas receberam a tarefa de cuidar, aproveitar, cultivar, sustentar e viver. Distintivo para os povos indígenas é o espírito comunitário e coletivo que rejeita a idéia da propriedade privada. O proprietário é absoluto sobre a terra. Todos os recursos criados por Deus tem espírito, como os humanos. Por isso, é necessário comunicar-se com os espíritos dos recursos, antes de utilizá-los. Os seres humanos foram criados do barro e devem buscar sua sobrevivência da terra. A terra é sagrada, precisa ser alimentada e amada. De seu útero surgimos para a vida e em seu útero descansaremos em paz quando morremos. Parece que segundo uma compreensão equivocada da Bíblia, apenas o ser humano será salvo. Temos que reexaminar e revisar essa visão. Essa questão da salvação é central para a auto-compreensão cristã⁸.

As concepções ocidentais, mesmo aquelas que tiveram origem em pensamento teológico cristão europeu, estão cristalizadas em formulações jurídicas.

Na definição do direito ocidental, há primazia do ser humano sobre o restante da criação (antropocentrismo). Os humanos têm direitos que os animais, as plantas e todo o cosmos não têm. O ser humano é soberano sobre todos os seres vivos, tanto para conservá-los, como também para destruí-los. Enquanto isso, para os povos indígenas o cosmos e a natureza não é algo distinto dos seres humanos. Tudo está relacionado e até as colinas têm vida própria. É uma visão integral da vida, do cosmos, da natureza e dos espíritos (teocosmocêntrica). O centro é ocupado pelos espíritos das coisas e pelas próprias coisas, ou seja, o cosmos⁹.

A terra é corpo vivo. Comporta-se como uma personalidade. Abre sua boca, veste-se...

Em aymara a terra é chamada de pachamama. Somos filhos e filhas da terra e irmãos e irmãs do restante da criação. Preservar a terra é preservar a nós mesmos. Sem terra não somos nada. A terra é viva, tem vida e espírito. Todo o cosmos é sagrado e templo de Deus. Há lugares especiais

⁸ CONSULTA, depoimento Wandag.

⁹ CONSULTA, depoimento de Vicenta Mamani Bernabé, de Bolívia.

para contatar com Deus, as montanhas. Quando uma mulher dá a luz, também enterramos a placenta no meio do terreiro. O primeiro corte de cabelo dos bebês, também o enterramos para manter o contato com a terra. Tiramos nossas sandálias, beijamos a terra. Limpamos nossas mãos com o sebo da llama. No mês de agosto, a terra abre sua boca. Nesse mês trazemos oferendas à mãe terra. Neste mês a terra descansa. Terminamos a colheita e depois, em setembro, voltamos a semear. No mês de descanso, damos graças. Eu moro a 4 mil metros acima do nível do mar. Nessa época a mãe terra está usando um pullover verde com muitas cores de flores. É tempo de batatas novas. A batata é sagrada, pois é o nosso alimento principal. A batata também tem vida e espírito. Quando a pisamos com os pés ela chora. É possível fazer a teologia da batata¹⁰.

Na cosmologia dos Maori, o céu é visto como pai e a terra como mãe, sendo que ambos estavam unidos. Mas, uma de suas crianças se colocou entre eles e os empurrou para se afastarem. Importante aqui é que a relação com a terra é uma relação com a mãe. A mãe dá a luz às próximas gerações. A terra precisa ocupar um lugar mais privilegiado dentro da teologia¹¹.

Na cosmologia dos Ojibwe/Cree há uma proximidade muito grande entre Terra e Deus. Cabe aos humanos integrarem-se nessa relação.

Estar perto da terra, é estar perto de Deus. Quando alguém busca a proximidade de Deus, senta-se na terra. A questão da terra é a mais importante para os povos indígenas. Condensa todos os outros pontos. A palavra para terra é AKI. Ancião em minha língua é denominado: AKI – WENSI, o que cuida da terra. Crescer fisicamente e espiritualmente é ganhar em sabedoria para ensinar os demais sobre a terra. O desenvolvimento moral e espiritual está todo relacionado com a terra. A terra compreende todas as relações entre as criaturas e isso é dado por Deus para todos os povos da terra. Quando nos dirigimos a outras pessoas, estamos nos relacionando com parentes, pois a terra faz de todos nós parentes através da terra. João 3,16 em minha língua está traduzido: “Porque Deus amou tanto a AKI-terra, que ele deu a seu próprio filho...” Nosso povo insiste em que precisamos estar em sintonia, harmonia com a terra. Todo o treinamento com as escrituras deve estar em sintonia com a criação e a terra. Todas as centenas de tribos compartilham esse conceito. Algo que nunca se rompeu entre eles é sua relação com a terra. Isso nunca lhes será tirado¹².

No mundo andino as estações e os elementos da natureza são guias para a vida e o trabalho na terra. A festa de agradecimento pela colheita lembra as festas análogas do primeiro testamento bíblico.

Pachamk é o Deus Criador, Onipotente, Onipresente. O sol é o nosso segundo Deus. A Lua é a guia para a sementeira. Nos quartos de luas é tempo de trabalhar, na cheia e na nova é tempo de descanso para a terra. No verão, as igrejas cristãs fazem festas como agradecimentos à terra.

¹⁰ CONSULTA, depoimento Bernabé.

¹¹ CONSULTA, depoimento de Marie Ramari Collin de Nova Zelândia.

¹² CONSULTA, depoimento de Mark McDonald, do Canadá.

Grãos, vegetais e animais são levados à igreja para um grande banquete comunitário. Come-se com as mãos. Ninguém usa sandálias ou sapatos, o contato é direto com o chão. Em Êxodo, Deus pede a Moisés que tire as sandálias, porque o chão é sagrado¹³.

Para começar a semear, primeiro se ora a Deus, pedindo por permissão para semear, argumentando, que se tem muitos filhos, uma família grande, e que a mãe terra seja generosa para manter a família. Não usamos adubo químico, mas somente orgânico. Agora, as multinacionais tomaram conta de todo esse campo¹⁴.

Para os aborígenes australianos a terra consiste no pó dos antepassados. Para eles não existe morte, apenas transformação. O corpo humano torna-se novamente terra, para servir de nutrição para as plantas que, por sua vez, possibilitam a respiração a outros seres vivos. À semelhança de povos indígenas de outros continentes, eles se auto-denominam “os verdadeiros humanos” para distinguir-se de nós outros ocidentais a quem denominam de “os humanos modificados”¹⁵. O que todos eles crêem coincide conceitualmente com o segundo relato bíblico da criação (Gênesis 2.4ss), no qual Deus forma um boneco de terra, para em seguida insuflar-lhe o sopro da vida.

A terra do boneco não é qualquer tipo de solo. É *adamah*, terra agricultável, terra de plantio. *Adão* é o terráqueo, feito de *adamah*, aqueles 12 a 15 cm de solo fértil e vivo. Os humanos, portanto, são partes dessa camada de humus animadas pelo sopro de Deus. Assim *Adam* tem uma relação imediata com a *adamah*. Para permanecer humano, essa relação não pode ser perturbada e muito menos interrompida. O sopro de Deus lhe atribui a função de elo de ligação entre Deus e terra.

Esse vínculo inseparável entre seres humanos e terra também ficou conservado em algumas línguas: os *humanos* são feitos de *humus*. *A pessoa humana é um pedaço de humus que respira, que contém o sopro divino*. Quando os humanos se distanciam e alienam da terra, esse vínculo sagrado é destruído. Matar uma pessoa humana significa machucar a terra. Ferir a terra significa matar pessoas humanas. O humus grita por causa da morte de Abel e abre sua boca para absorver o seu sangue (Gênesis 4.10s). O humus é tão sagrado como a vida humana. Somente nesse vínculo sagrado é pensável haver um futuro sustentável.

¹³ CONSULTA, depoimento Castañeda.

¹⁴ CONSULTA, depoimento de Francisca Castañeda Guaján de Ecuador.

¹⁵ MORGAN, Marlo. **Traumfänger** – Die Reise einer Frau in die Welt der Aborigines. München, Goldmann, 1998. p. 77ss.

Esse vínculo de terra e sopro divino constitui a humanidade. Quando Deus busca de volta o sopro de vida concedido, o boneco de barro volta a ser terra. “Terra à terra, cinza a cinza, pó ao pó. Da terra foste formado, à terra tornarás”... O salmista escreveu que quando alguém morre, “sai-lhe o espírito, ele volta ao seu solo; neste dia perecem de veras os seus pensamentos (Salmo 146,4). Em Eclesiastes 12,7 diz que quando alguém morre, “o próprio espírito retorna ao verdadeiro Deus que o deu”. Por isso, popularmente se diz que uma pessoa falecida “está com Deus”, ou melhor, “em Deus”, retornada à sua origem. Sobre Jesus moribundo na cruz, Lucas 23,46 relata: “Jesus clamou em alta voz e disse: Pai, em tuas mãos confio o meu espírito. Dizendo isso, expirou”. Tanto me parece belo quanto consolador, estar integrado no ciclo da vida dessa forma, estando animado pelo sopro divino. A vida é eterna, os seres vivos não.

Não faz muito tempo, chamou-me atenção que também os animais e as aves são feitos do mesmo *humus* (Gênesis 2.19). Parece que a idéia primeira de Deus era a de que esses animais fossem os companheiros para que o humano não ficasse sozinho (Gênesis 2.18). Agora, entendo porque muitos povos indígenas concebem os animais como outras formas humanas.

Eduardo Viveiros de Castro¹⁶ chama de *perspectivismo cosmológico* um aspecto marcante em praticamente todas as culturas nativas. Trata-se da noção de que o mundo é povoado por um grande número de espécies de seres dotados de cultura e consciência que se relacionam uns com os outros e que cultura e consciência não são características exclusivas dos humanos. Isso está associado à idéia de que a forma manifesta de cada espécie é apenas um envoltório, uma roupagem, a esconder uma forma humana interna, visível apenas aos olhos da mesma espécie ou a seres trans-específicos como os xamãs. Esses humanos com máscara de animais são portadores de consciência e cultura, são agentes com intenções próprias nas relações sociais da criação.

Olhando para a bíblia com esse novo olhar, alguns textos passam a ter novo significado. É interessante constatar que na primeira listagem de alimentos dos

¹⁶ CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena**, (http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/perspectivismo_e_multipluralismo_na_america_indigena/n18EduardoViveiros.pdf_em_110712). O presente texto é uma versão resumida (vários parágrafos, notas e referências bibliográficas foram suprimidos) do capítulo 8 do seu livro *A inconstância da alma selvagem* (São Paulo, Cosac & Naify, 2002).

seres humanos não constam animais. (Gênesis 1,29s). Apenas depois do dilúvio no contexto da aliança com Noé, aparecem também os animais como alimento para os humanos (Gênesis 9,3). E isso certamente é a razão para o medo e o pavor que os animais passam a ter dos humanos (Gênesis 9,2), oposição essa que é anulada na visão de Isaías 11 sobre o Reino da Paz. A respiração dos animais, segundo o Salmo 104, 29s é dada ou retirada por Deus e com isso ele cria e recria vida nova na terra. Eclesiastes 3,19ss vai até mais longe, não distinguindo mais entre o espírito de humanos e animais. Comparativamente se poderia dizer: Assim como a energia elétrica invisível faz funcionar diversos tipos de aparelhos, sem assumir as características estruturais próprias de cada equipamento (do fogão que gera calor, do computador que realiza cálculos, do televisor que produz sons e imagens, do motor que produz rotação e movimento...), também a força da vida não assume necessariamente nenhuma das características das criaturas que ela anima. Ou se deveria dizer que assume todas? Jesus no deserto, antes de assumir sua missão, está na companhia de anjos e animais (Marcos 1,12s).

Nesse ponto, cabe lembrar o perspectivismo cosmológico, que Viveiros de Castro também chama de multinaturalismo, ou seja, uma essência humana, uma cultura e diversas naturezas, como cosmologia comum à maioria dos povos indígenas latino-americanos. Enquanto os colonizadores tendem a enxergar os indígenas como parte da natureza, os indígenas enxergam a natureza como parte da sociedade. Na teoria evolucionista, os humanos saíram da condição de animais para ocupar o lugar de seres especiais da criação. Os humanos criaram culturas, estabeleceram leis de convivência, para controlar sua animalidade e evitar o entredoramento da espécie. No pensamento indígena os animais têm uma essência humana, por baixo de sua pele, podem ser gente.

Essa mudança de paradigma têm consequências hermenêuticas. Passa a ter um significado novo que o primeiro relato da criação na bíblia é atribuído a autores sacerdotais de círculos favoráveis à monarquia em área urbana. Não admira mais que falta completamente a ligação entre a pessoa humana e a terra. São sublinhados a imagem e semelhança a Deus e o domínio sobre animais e plantas. Nenhuma palavra sobre *Adão* ou *adamah*. Apenas a menção de que a terra fez surgir todo tipo de plantas (Gênesis 1,11s) e animais (Gênesis 1,24s) que até os

dias de hoje reputamos como fazendo parte da natureza. Enquanto o segundo relato de Gênesis 2,4ss de origem tribal encerra, encarregando os humanos de *cultivar e guardar* (v. 15) a criação na qual foram integrados, esse primeiro relato estatal fala de *dominar e sujeitar*. Trata a pessoa humana como um ser destacado da criação restante, trata-o exclusivamente como sujeito e agente, trata o restante da criação como objeto, caracteriza a relação entre humanos e o restante da criação como uma relação assimétrica, desigual. Os verbos hebraicos que descrevem o domínio dos humanos sobre o restante da criação têm significados de graves conseqüências. No original significam “pisotear, pisar com os pés (como quando se pisa uvas para o vinho), subjugar um país através de guerra, violentar sexualmente, submeter à escravidão”. Será que toda a cultura e ciência ocidental deixaram guiar-se por esse relato da criação, deixando o outro para trás, como um romantismo agrícola anacrônico? Seguramente isso não teria sido possível, sem a correspondente legitimação teológica e eclesiástica.

Sejam eles os Suwamish norte-americanos, os Aymará bolivianos, os Guarani brasileiros, os Saami do círculo ártico europeu ou povos aborígenes australianos, em todos esses lugares ouve-se falar da Abya Yala, da Pacha Mama, da Mãe-Terra, da qual todos procedemos e que nos mantém durante toda a vida, com a qual podemos curar doenças e que no fim da vida nos recebe de volta. Imaginar-se integrado dentro do corpo vivo da terra, certamente conduzirá a outras formas de relacionar-se com ela. A relação meramente utilitarista, de produção e consumo, não será mais coerente.

Diante de todas as mazelas ambientais e da violência na terra, penso que é hora de nos inspirarmos e de nos dedicarmos ao relato da criação que fala dos *humanos* criados a partir do *humus*, emprestando os olhos dos povos indígenas e buscando analogias em seus mitos para compreendê-lo ainda melhor. A terra é herança da humanidade, como o é a luz do sol, o ar e a água. Se não trabalharmos contra a longa mercantilização da terra, daqui a pouco teremos que pagar pela água, pelo ar e pela luz do sol.

Referências

CONSULTA do Conselho Mundial de Igrejas. **A Autocompreensão Cristã no Contexto das Religiões Indígenas**. Buenos Aires, ISEDET, 2006. Participantes Indígenas: Alexander Wandag, Filipinas; Francisca Castañeda Guajan, Ecuador; Vicenta Mamani Bernabe, Bolívia; Marie Ramari Collin, Nova Zelândia; Segundo Otavalo Castañeda, Ecuador; Mark Mac Donald, Canadá; Miguel Salanic, Guatemala.

ROHR, Richard. **Von der Freiheit loszulassen – Letting go**. München, Claudius Verlag, 1992 (3. Auflage)

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. 5ª ed. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1990. p. 132-52.

MORGAN, Marlo. **Traumfänger** – Die Reise einer Frau in die Welt der Aborigines. München, Goldmann, 1998.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena**, (http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/perspectivismo_e_multipluralismo_na_america_indigena/n18EduardoViveiros.pdf em 110712). *O presente texto é uma versão resumida (vários parágrafos, notas e referências bibliográficas foram suprimidos) do capítulo 8 do seu livro A inconstância da alma selvagem (São Paulo, Cosac & Naify, 2002).*